

A IMPORTÂNCIA DOS REGISTROS DOCENTE PARA A (RE)ORIENTAÇÃO DAS ROTAS NO CURRÍCULO CULTURAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Arthur Müller¹

RESUMO

Durante os anos, os diferentes currículos de Educação Física proporcionaram aos docentes, formas variadas de significar e praticar o registro. Quando em uma abordagem mais tecnicista, o registro era encarado como uma forma de se verificar a apreensão do conhecimento discente. Dessa forma, essa prática está diretamente relacionada a avaliação, em que ambos compunham um forte instrumento – para não se dizer o principal – para quantificar, em forma de nota, a evolução da aprendizagem dos alunos e alunas, promovendo, ao final do ano letivo, os estudantes que estavam aptos a cursarem o ano seguinte e aqueles que seriam retidos. Quando nos debruçamos no currículo cultural de Educação Física, tanto o registro quanto a avaliação assumem um novo significado. Deixam de ser instrumentos de classificação dos estudantes para adquirirem uma importância na reorientação das práticas docentes. Em outras palavras, o registro e a avaliação são voltados para o docente e não mais aos estudantes. Dito isso, o presente trabalho é um enxerto de uma pesquisa de dissertação, em que o pesquisador acompanhou durante os anos de 2014 e primeiro semestre de 2015, um professor da rede estadual de educação que atua com o currículo cultural na EE Friedrich Von Voith, escola localizada na zona norte da cidade de São Paulo, próxima ao Pico do Jaraguá. Debruçado nos pressupostos do currículo cultural, em que pese o Multiculturalismo Crítico, os Estudos Culturais e o Pós-estruturalismo, os registros docentes foram analisados, bem como a forma como o mesmo reorientou sua prática pedagógica, considerando o plano pedagógico da unidade escolar e o plano de ensino elaborado. Espelhado nesses objetivos de pesquisa, optamos por uma pesquisa qualitativa, do tipo etnográfica (por melhor se adequar às necessidades do espaço escolar e seus protagonistas), com estudo de caso, uma vez que o docente, aula a aula, realizava seus registros a partir de suas observações acerca de suas práticas pedagógicas, pautadas nas orientações didáticas e princípios do currículo cultural, confrontando seu objetivo e o plano político da unidade escolar com as respostas das crianças, espelhadas nos registros que ora foram desenhos, ora conversas.

¹ Professor da rede estadual e da rede particular, mestrando em educação pela FEUSP e integrante do grupo de estudos em Educação Física Escolar – www.gpef.usp.br

Enveredando por esse caminho, esquadrinhamos detalhadamente a forma como o professor, a partir da análise de seus registros, reorientou a forma como o currículo cultural se apresentou para os estudantes na aula seguinte. Indicamos que atuar com um currículo cultural de Educação Física implica necessariamente planejar as aulas, mas de acordo com as respostas discentes, evitando a ideia de que tudo é válido ou que os alunos e alunas podem, a gosto, decidir os conteúdos ou as práticas corporais que serão tematizadas. As análises apontam que muitas vezes, o trabalho docente, após a reflexão dos registros, contribuiu para a reorientação da rota outrora pensada, num constante movimento dialógico, sob o ponto de vista freireano, promovendo a construção de um conhecimento coletivamente legitimado, não impondo, dessa forma, hierarquias nas diferentes práticas corporais.

Palavras-chave: Currículo Cultural; Registro; Teorias Pós-críticas; Educação Física.

INTRODUÇÃO

Após ingressar na faculdade de Educação Física e iniciar a minha caminhada dentro da área escolar, busquei cursos que acrescentassem um maior conhecimento e embasamento para a minha formação. Tomei conhecimento de diferentes vertentes de currículo da Educação Física, passando pelo psicomotor e o desenvolvimentista que, na minha opinião, foram aqueles que mais influenciaram a minha prática. Posteriormente, tive uma aproximação das obras de Paulo Freire, quando ingressei em um projeto de cunho social patrocinado pelo Pão de Açúcar. Ao final de cada aula, sentávamos com os alunos e alunas para dialogarmos (fundamentado em Freire) sobre os acontecimentos, sempre à luz de algum valor moral. Nesse momento, iniciei a minha prática fundamentada em registros, tanto docente quanto discentes. Em seguida, ao conhecer a obra de Marcos Neira, o grupo de estudos em Educação Física escolar e a cultura corporal, modifiquei a minha prática pedagógica, utilizando, fundamentalmente, o registro docente para a reorientação do caminho a ser percorrido durante as aulas de Educação Física. Isto posto, iniciei o mestrado no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo a fim de pesquisar sobre a influência do registro docente na (re)orientação das orientações didáticas em um currículo culturalmente orientado. Vale ressaltar que uma diferença a salutar entre esse currículo e os demais, no que tange à

avaliação, é a forma como a mesma é utilizada. Em um currículo cultural de Educação Física, a avaliação é uma forma do docente reorientar a sua prática pedagógica a partir das vozes discentes. Dito de outra forma, a partir das respostas das crianças sobre as diferentes problematizações e estudos das tematizações propostas, o professor/professora reorganiza aquilo que irá oferecer aos estudantes na aula seguinte. Não se trata de uma aula sem planejamento. Muito pelo contrário, quando surge dos alunos e alunas alguma questão relacionada ao gênero, religião, classe social, orientação sexual, dentre outras, o docente, munido de seus registros – escritos, desenhos das crianças, conversas gravadas, blogs, páginas ocultas nas redes sociais – consegue identificar um desvio naquilo que havia pensado. Dessa forma, pode propor atividades aos estudantes para que seja desconstruída a representação que têm acerca das diferentes práticas corporais e suas variáveis.

Faz-se, portanto, necessário que o professor e/ou a professora de Educação Física utilizam formas de registros a fim de capturar todas as informações que escapam aos olhos e aos ouvidos durante as aulas. Essas informações, quando confrontadas com os princípios e orientações didáticas do currículo cultural de Educação Física, proporcionam aos estudantes a (des)construção das antigas representações elaboradas a partir de informações acessadas em outros espaços, como a casa ou a rua. Por essa razão, a escola assume um papel fundamental à medida que é o local que irá disponibilizar não somente uma grande quantidade de informações, mas também, fontes variadas que, historicamente e socialmente, foram descartadas pela cultura dominante que habita a escola.

METODOLOGIA

O presente trabalho investiga nuances da prática pedagógica, principalmente na forma como o professor utiliza seus registros pessoais para analisar os registros discentes – tidos como forma de significação que as crianças atribuem às diferentes práticas corporais – utilizados para reorganizar suas ações didáticas realizadas no âmbito de um currículo culturalmente orientado. Enveredando por esse caminho, adotamos uma pesquisa qualitativa, porque a mesma apoia-se em quatro pontos fundamentais: o pesquisador, o pesquisado, os dados e as técnicas. Assim, o pesquisador não é um mero observador ou relator. Pelo contrário, é participante das questões relativas aos acontecimentos diários, das análises e interpretações das situações que influenciam o

seu grupo de pesquisa. A partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa, ainda justificando sua escolha, acreditamos que os “pesquisados” são sujeitos que elaboram e reelaboram conhecimentos, posicionando-os como atores dessa produção. Sobre os dados coletados, afirmamos que não são frutos de acontecimentos isolados e por se revelarem em uma complexa rede de informações e relações, devem ir além de sua análise inicial, fornecendo indícios e pistas outrora despercebidos.

Sobre o tipo de pesquisa, coadunamos com o entendimento de André (2009) sobre a diferença dessa pesquisa quando em um ambiente escolar e como práticas etnográficas dos antropólogos, que se concentram na descrição da cultura. Os pesquisadores da educação importam-se com os processos educativos e isso torna certos requisitos etnográficos desnecessários. Dito isto, propõe uma nova denominação a essa prática de pesquisa, quando presente no ambiente escolar: O que se tem feito, pois, é uma adaptação da etnografia à educação, o que me leva a concluir que fazemos estudos do tipo etnográfico, ou seja, a observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos (ANDRÉ, 2009, p.28). Reafirmamos que essa pesquisa, chamada do “tipo” etnográfica, mantém as características de uma pesquisa etnográfica, porém, leva em consideração as variantes e especificidades ocorridas dentro de um ambiente escolar.

Ainda sobre isso, como pretendemos desvelar as práticas pedagógicas a partir dos registros observados durante as aulas de um determinado professor e em uma determinada escola, compreendemos que o estudo de caso se caracteriza como mais adequado às pretensões da presente pesquisa, porque o referido método se concentra em um caso particular, considerando-o representativo para os demais casos análogos. E nos referimos ao estudo de caso etnográfico, que se diferencia do estudo de caso utilizado na administração, na medicina, no serviço social, na psicologia e em outras áreas de atuação profissional, porque nessas áreas, os estudos se voltam para a proposição de intervenções ou mudanças. O estudo de caso inclui, segundo Bogdan e Biklin (1994), entrevistas com pessoas relacionadas e envolvidas com o tema a ser estudado, a observação da escola, bem como nos registros existentes. A análise desses dados busca a organização sistemática da transcrição de entrevistas², notas de campo e outras matérias que foram sendo acumuladas, com o objetivo de aumentar a compreensão sobre esses mesmo materiais e de apresentar outras tantas ainda não apresentadas. Por essa razão, a

² A essas entrevistas, nos referimos como roda de conversa ou simplesmente, conversa, exatamente para retirar o tom formal do termo.

observação e atenção são fundamentais na pesquisa de estudo de caso etnográfica, porque os detalhes e as minúcias podem ser o fenômeno que se deve analisar.

Sobre os procedimentos metodológicos, afirmamos que o material empírico para essas análises foi retirado do Caderno de Registros do professor, no qual o docente, aula a aula, registrou seus apontamentos referente às suas intenções pedagógicas e as respostas das crianças. Tais respostas foram identificadas através de entrevistas (transcritas pelo próprio docente) e a análise dos desenhos realizados pelas crianças durante as aulas. Esse material proporcionou ao professor mudanças nos percursos, considerando o projeto pedagógico da unidade escolar e o objetivo das aulas de acordo com a tematização. O Caderno de Registros é um material de uso pessoal do docente e todas as informações contidas são compiladas durante as aulas. Para auxiliar nesse processo, o professor utiliza um aplicativo em seu tablet, chamado *EverNote*³ e, ao final de cada aula, repassa as informações contidas em seus registros a fim de observar qualquer fala ou posicionamento discente que o auxilie em sua (re)orientação pedagógica para a próxima aula de Educação Física.

Destacamos a importância do registro docente quando o professor atua em uma perspectiva cultural de Educação Física. Sem ele (registro), certamente, muitas informações são deixadas para trás ou são desconsideradas. Se atuamos em um currículo que pretende dar voz aos grupos historicamente e socialmente desprezados e pormenorizados, não é possível se pensar em uma prática distanciada ou desarticulada com registros.

³ Aplicativo com duas versões; gratuita e paga, em que é possível realizar apresentações em PPT, tirar fotos e gravar áudios de voz.